

A INFLUÊNCIA DO EGIPICISMO NO MOVIMENTO ANTIGREGO: UM RECORTE NIETZSCHEANO

Marcos Vitor Costa Castelhana 1*

Vinícius Silveira Leite 2*

Délis Sousa Benevides 3*

Andréia Lílite de Souza Leite 4*

Hugo Horácio de Lucena 5*

Gerlane Costa dos Santos 6*

Resumo: Os preceitos filosóficos servem de base para a análise do homem e do mundo a sua volta, procedendo a construção da dinâmica do pensamento ocidental no desenvolvimento das diretrizes das vertentes contemporâneas. Antes da gênese do pensamento pré-socrático, primeiro movimento expresso pela Filosofia ocidental, a civilização explicava o mundo e suas contingências através dos mitos que permeavam a cultura de seus povos, objetivando a sistematização dos elementos expostos na vida coletiva. Entretanto, mesmo com a grande influência dos mitos e de sua quebra para a consolidação das primeiras teorias filosóficas, outros pensamentos também serviram de pilar motriz para os filósofos gregos, tendo como exemplo o movimento do egipicismo. Para alguns teóricos, entre eles Da Rocha, tal constância cosmovisual foi adotada pela tradição filosófica grega como uma maneira de sistematizar as doutrinas vigentes, sobretudo na maneira de visualizar o ser em frente dos elementos de sua existência, tendo entre seus difusores alguns questionadores particulares, estando entre eles: Sócrates e Platão. Estes pensadores, para Nietzsche, por via dos preceitos egipcistas, consolidaram um movimento, que para o autor, divergia dos valores propriamente gregos, uma vez que defendiam ideais direcionados a supremacia da razão em frente de uma doutrina dualista de desvalorização do corpo. Portanto, tal trabalho objetiva promover uma breve reflexão sobre a importância dos elementos egipcistas na elaboração das ideias defendidas no Período Socrático, promovendo um melhor entendimento das colocações de Nietzsche em frente do rumo das esquematizações da Filosofia em suas expansões contextuais.

Palavras-chave: Egipicismo. Antigrego. Nietzsche.

Abstract: The philosophical precepts serve as a basis for the analysis of man and the world around him, proceeding to the construction of the dynamics of Western thought in the development of the guidelines of contemporary aspects. Before the genesis of pre-Socratic thought, the first movement expressed by Western Philosophy, civilization

1 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: castelhanophilospsi@outlook.com

* 2 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: viniciusleite@hotmail.com

* 3 Graduanda do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: delissousa@hotmail.com

* 4 Psicóloga Atuante. Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: lilitepsico@gmail.com

*5 Graduando do curso de Psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP) E-mail: hugohoraciol@gmail.com

*6 Psicóloga Atuante. Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Especialista em Saúde Mental (Facisa) e em Saúde Coletiva (Uninter). Mestranda em Ciências da Educação (FACSU). Doutoranda pela Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales (UCES). Email: gerlanepsic12@hotmail.com

explained the world and its contingencies through the myths that permeated the culture of its peoples, aiming at the systematization of the elements exposed in collective life. However, even with the great influence of the myths and their break for the consolidation of the first philosophical theories, other thoughts also served as a driving pillar for the Greek philosophers, taking as an example the Egyptian movement. For some theorists, among them Da Rocha, this cosmovisional constancy was adopted by the Greek philosophical tradition as a way of systematizing the prevailing doctrines, especially in the way of visualizing the being in front of the elements of its existence, having among its diffusers some particular questioners, among them: Socrates and Plato. These thinkers, for Nietzsche, by means of Egyptian precepts, consolidated a movement, which for the author, diverged from the Greek values, since they defended ideals directed to the supremacy of reason in front of a dualist doctrine of devaluation of the body. Therefore, this work aims to promote a brief reflection on the importance of the Egyptian elements in the elaboration of the ideas defended in the Socratic Period, promoting a better understanding of Nietzsche's collations in front of the direction of Philosophy's schematizations in their contextual expansions.

Keywords: Egyptism. Antigreo. Nietzsche.

Introdução

Os preceitos filosóficos servem de base para a análise do homem e do mundo a sua volta, procedendo a construção da dinâmica do pensamento ocidental no desenvolvimento das diretrizes das vertentes contemporâneas (COTRIM e FERNANDES, 2011). Antes da gênese do pensamento pré-socrático, primeiro movimento expresso pela Filosofia ocidental, a civilização explicava o mundo e suas contingências através dos mitos que permeavam a cultura de seus povos, objetivando a sistematização dos elementos expostos na vida coletiva (COTRIM, 2007; AMORIM, 2016).

Entretanto, mesmo com a grande influência dos mitos e de sua quebra para a consolidação das primeiras teorias filosóficas, outros pensamentos também serviram de pilar motriz para os filósofos gregos, tendo como exemplo o movimento do egipcismo.(DA ROCHA, 2020). Para alguns teóricos, entre eles Da Rocha (2020), tal constância cosmovisional foi adotada pela tradição filosófica grega como uma maneira de sistematizar as doutrinas vigentes, sobretudo na maneira de visualizar o ser em frente dos elementos de sua existência, tendo entre seus difusores alguns questionadores particulares, estando entre eles: Sócrates e Platão.

Estes pensadores, para Nietzsche (1992), por via dos preceitos egipcistas, consolidaram um movimento, que para o autor, divergia dos valores propriamente gregos,

uma vez que defendiam ideais direcionados a supremacia da razão em frente de uma doutrina dualista de desvalorização do corpo.

Para tal estudo, buscaram-se obras nietzscheanas que tratassem da relação das características das colocações egipcianas em face das ideias antigregas, entres estas obras encontram-se: Nascimento da Tragédia, Genealogia da Moral, Assim Falou Zaratustra, Gaia Ciência, Crepúsculo dos Ídolos, entre outras. Além disso, explanaram-se artigos e postulados encontrados nas plataformas digitais do Google Acadêmico, Scielo e PePSIC.

Portanto, tal trabalho objetiva promover uma breve reflexão sobre a importância dos elementos egipcistas na elaboração das ideias defendidas no Período Socrático, promovendo um melhor entendimento das colocações de Nietzsche em frente do rumo das esquematizações da Filosofia em suas expansões contextuais.

Fundamentação teórica

Antes de se adentrar de maneira específica nesta temática, faz-se necessário ter em mente a caracterização do egipcismo em suas idiossincrasias. Segundo Da Rocha (2020), tal panorama reflete uma tendência estática na noção de permanência, englobando os diversos conceitos e noções pautadas na contemplação da realidade e do ser.

Com isso, esta conotação foi adotada por parte dos filósofos ao decorrer das gerações do pensamento ocidental, sobretudo, ao que remete ao pensamento grego de ênfase socrática. Sabino (2016) afirma que a noção nietzscheana acredita que a adoção das características egipcianas influem de maneira negativa na contemplação do espírito, visto que promove uma unilateralidade em face das multifacetas dos seres humanos.

Nesse sentido, os antigregos, que para Nietzsche (1992) denominavam os questionadores do Período Socrático, representam a decadência dos valores nobres dos aristocratas conservados no berço dionisíaco da tradição trágica. Isto ocorreria, pois, por via das premissas elencadas por Sócrates, a razão tomaria para si o trono de guia das ações humanas, tornando-se tirana ante o caos do âmago do seres, promovendo uma atitude de depreciação contra tudo aquilo que não é inteligível (NIETZSCHE, 2001).

A partir das contingências citadas, o autor revela que antes da hegemonia mencionada, os homens viviam no arcadismo de sua própria condição, demonstrando que todos os sujeitos conservaram dentro de si dois domínios divergentes e indissociáveis, representados pelos espíritos apolíneo e dionisíaco. A primeira dimensão concerne nas características racionais e do pensamento elaborados pelos seres humanos, enquanto o

segundo domínio é delimitado pelos caracteres mais instintivos e primordiais dos sujeitos, ratificando a afirmação de vida inerente ao estado do viver (AMORIM, 2016).

Desse forma, com a inserção do egipicismo na Filosofia e da adoção dualista de caráter racionalista, os grandes pensadores desenvolveram concepções cadavéricas, visto que, para Nietzsche (2001), as doutrinas elencadas começaram a menosprezar os aspectos corpóreos, assim como, passou a existir um valor determinado a vida, algo que não devia ser categorizado. Além disso, tais críticas e colocações serviram de base para a edificação da perspectiva nietzscheana em suas diretrizes essenciais, elucidando os caminhos percorridos ante os postulados publicados pelo escritor (ANSELL-PEARSON, 1997; FERRAZ, 1999; BITTAR, 2003; ARALDI, 2008; CAMARGO, 2010; GORI e STELLINO, 2014;).

Ainda neste raciocínio, o movimento antigrego não influenciou apenas as visões cosmovisionais subsequentes, mas também foi observado que as colocações expostas por Sócrates fomentaram uma supervalorização da moralidade em seu controle contextual, uma vez que toda a existência dos seres deviam permear moldes em um padrão unitário direcionado pela razão, guiando os valores difundidos na civilização ocidental (NIETZSCHE, 1999; NIETZSCHE, 2002; NIETZSCHE, 2004; NIETZSCHE, 2006; NIETZSCHE, 2007;).

Para compreender melhor os valores tidos como deturpados e a própria influência dos antigregos, o autor desenvolve o denominado Método Genealógico direcionado a partir das construções linguísticas e da própria história da civilização ocidental, para assim, compreender as contingências expressivas das sociedades de sua época (PASCHOAL, 2000; AZAMBUJA, 2013;).

Em meio da metodologia supracitada, Nietzsche (1999) elenca que as ideias tidas como racionais e hegemônicas serviram de base para uma inversão valorativa dos elementos que guiavam os homens em suas diretrizes, gerando uma decadência na maneira de lidar com os aspectos primordiais do existir. Neste raciocínio, pode-se afirmar que os ideais antigregos influenciaram, de maneira significativa, na construção perspectiva das sociedades ocidentais, influenciando também na maneira que os sujeitos lidam e interpretam os elementos que compõe a noção de realidade (Nietzsche, 2009). Demonstrando a importância da temática do ressentimento na concepção nietzscheana em face das colocações do filósofo em suas discussões centrais (Ferraz, 1999; Trevisan, 2005; Moreira, 2010; Paschoal, 2011; Farias, 2013; Bittencourt, 2016; Paschoal, 2016; Reginster, 2016; Arruda, 2017; Pondé, 2019;).

Nesse sentido, as características egípcias entram em consonância com edificação antigrega de raiz socrática, tendo em vista que ambas as visões se misturam, em certos momentos, e determinam os preceitos básicos das principais teorias no âmbito filosófico, gerando, acima de tudo, noções deturpadas em frente da pluralidade do espírito e da experimentação do corpo como fator significativo (SABINO, 2016).

Sendo assim, a discussão enfatizada por Nietzsche (2009) permite uma visualização diferenciada dos movimentos teóricos que formam a história da Filosofia, revelando que até as ideias modernas conservam um sentimento de supervalorização das diretrizes direcionadas na quebra da transmutação trágica.

Discussão

Através dos pontos citados, percebe-se que o autor desenvolve uma reflexão diferenciada da importância de certos pensadores, como Sócrates e Platão, além de elencar os malefícios do modelo egípcio, enfatizando, sem eufemismos, que os fatores tidos como louváveis, por algumas doutrinas específicas, geram atitudes perniciosas diante da condição do viver. Em que, a razão, prometida como a direção essencial dos seres humanos, acabou por tornar o homem escravo de sua própria noção de consciência, negando as demais contingências dos fragmentos que permeiam sua pluralidade (AMORIM, 2016).

Desse modo, por via de sua nova perspectiva, Nietzsche (2003) elenca a importância da busca das próprias idiossincrasias dos seres, ditando que o sujeito deveria torna-se quem se é. Isto é, nem mesmo as virtudes padronizadas pelas ordens antigregas deveriam domar as particularidades dos indivíduos, pois na busca de si as amarras da moral de escravos faziam que os mais nobres dos seres se tornassem receosos defronte a si mesmos (AMORIM, 2016).

Diante do exposto, o crítico germânico expõe uma nova proposta de elucidação dos panoramas encarnados nos moldes de sua época, objetivando uma superação dos ídolos famigerados nos ideais civis, fugindo da sombra das verdades absolutas, e atingindo o espectro dos valores mais humanos em seu ar dionisíaco (NIETZSCHE, 2009). Em algumas obras, a exemplo de Assim Falou Zaratustra, Nietzsche (2003) expressa a importância da dilapidação de certas concepções vigentes para a chegada do Além-do-homem, e nas metamorfoses do existir os sujeitos largariam os valores

tradicionais sustentados em suas costas, almejando uma contemplação quase infante, visto que permitiria o contato com a afirmação de vida atrelada a sua vontade de potência.

No mais, observa-se, que apesar da magnanimidade da influência da permanência na formação antigrega, os próprios pré-socráticos detinham aspectos egipcistas em suas construções teóricas, tanto que o próprio heraclitismo, edificado perante a importância da mudança no processo universal do devir, preserva uma busca teleológica em frente da unidade. Além disso, as próprias defesas das Escolas Eleatas e do movimento atomista se consagram, em certos momentos, diante da valorização da permanência, revelando uma difusão gradual dos preceitos egipcianos (NIETZSCHE, 2009).

Nesta constância, a conservação egipcista, atrelada a algumas visões pré-socráticas, indicava uma anunciação do próprio movimento antigrego, tendo em vista que Sócrates, por via de sua dialética, denunciava a tradição grega em sua base motriz, determinando a estrutura de pensamento que iria influir na moralidade civil e particular do âmbito ocidental (NIETZSCHE, 2009). E resgatando as afirmativas de Nietzsche (1992), em Nascimento da Tragédia, percebe-se que tal intenção gerou a supremacia do domínio apolíneo em face da afirmação de vida de caráter dionisíaco, fazendo que os sujeitos se guiassem por valores antinaturais.

Outro ponto de extrema significância, seria que a exposição das influências egipcianas em frente do movimento antigrego proporcionaria uma oportunidade do autor enfatizar os maléficos de tais construções para o inventário cosmovisional das perspectivas modernas, reiterando uma nova oportunidade filosófica em meios de visões tão deturpadas sobre os elementos pertinentes do viver (NIETZSCHE, 2009).

Posto isto, observa-se que Nietzsche (2000; 2001; 2002; 2004; 2006; 2007;) diverge dos princípios teóricos de alguns dos grandes filósofos da humanidade, englobando não apenas os antigos, tendo por exemplo: Barkeley (1973), Aristóteles (1979; 2007;), Hobbes (1983), Bacon (1999), Hegel (2000), Kant (2000), Platão (2002), Campanella (2004), Locke (2004), More (2005), Rousseau (2008), entre outros. Em meio desta afirmativa, esboça-se que o pensador almeja o desenvolvimento de uma nova forma de contemplar o ser humano e sua pluralidade permeados no caos que de ser que se é, expandindo as noções de contemplação dos aspectos do existir (BITTAR, 2003; RUBIRA, 2008; CAMARGO, 2010;).

Por fim, por via dos argumentos propostos, tal trabalho expõe que, de fato, na teoria de base nietzscheana, o egipcianismo traduz uma forte influência perante a doutrina antigrega, sendo algo que é difundido nas raízes genealógicas da moral e dos valores da

civilização ocidental. Além disso, percebe-se que a visualização promovida pelo autor permite um combate ontológico da afirmação dos aspectos existenciais que, por muitas vezes, é negado pelo arcabouço dos pensadores modernos, revelando que tal discussão se faz necessária ante da explanação da história civil.

Considerações Finais

Através deste estudo, foi possível refletir sobre a pertinência da ideia de permanência hermética ante os pensadores do Período Socrático, fomentado uma das principais temáticas da metodologia do nietzschianismo. Vale ressaltar, que o trabalho aqui exibido serve de guia para o entendimento de determinadas colocações nietzscheanas, além de contribuir para o arcabouço teórico dos conhecimentos psicológicos e filosóficos, influenciando novos estudos nas áreas científicas e no meio filosófico.

Referências

AMORIM, Richard. **Filosofia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bernoulli, 2016.

ANSELL-ANSELL-PEARSON, Keith. **Nietzsche como pensador político: uma introdução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

ARALDI, Clademir Luís. **Nietzsche como crítico da moral**. Revista Dissertatio de Filosofia, v. 28, p. 33-51, 2008.

ARISTÓTELES, **Ética a Nicômaco**. In: **Os Pensadores** vol.II. Trad. Leonel Vallandro & Gerd Bornheim da versão inglesa de W.D. Ross. São Paulo. Abril Cultural, 1979.

ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo, SP: Martin Claret, 2007.

ARRUDA, Ana Luiza Gardiman. **A pena e a moral do ressentimento em Nietzsche**. Revista Pensamento Jurídico, v. 10, n. 2, 2017.

AZAMBUJA, Celso Candido. **Introdução ao método genealógico de Nietzsche.** ethica- An international Journal for Moral Philosophy, v. 12, n. 1, p. 127-142, 2013.

BACON, F. **Nova Atlântida.** São Paulo: Nova Cultural, 1999 (Col. Os Pensadores).

BERKELEY, GEORGE, **Tratado Sobre os Princípios do Conhecimento Humano & Três Diálogos entre Hílas e Filonous em Oposição aos Céticos e Ateus.** São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores vol. XXIII).

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. **Nietzsche: niilismo e genealogia moral.** Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, v. 98, p. 477-501, 2003.

BITTENCOURT, Renato Nunes. **O ressentimento como problema fundamental em Nietzsche.** TRÁGICA: Estudos de Filosofia da Imanência, v. 9, n. 1, 2016.

CAMARGO, Gustavo Arantes. **Sobre o conceito de verdade em Nietzsche.** TRÁGICA: Estudos de Filosofia da Imanência, v. 1, n. 2, 2010.

CAMPANELLA, Tommaso. **A Cidade do Sol.** São Paulo: Martin Claret, 2004
Companhia das Letras, 2004.

COTRIM, G. **Fundamentos da filosofia: história e grandes temas.** Rio de Janeiro: Saraiva, 2007

COTRIM, G.; FERNANDES, M. **Filosofar.** 1. ed. Rio de Janeiro: Saraiva, 2011.

DA ROCHA, Dilson Brito. **O sentido do ser nos gregos antigos: uma análise heideggeriana.** Revista Opinião Filosófica, v. 11, 2020.

DESCARTES, RENÉ. **Meditações Metafísicas.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.
Enrico Corvisieri

FARIAS, Ícaro Souza. **Memória, culpa e ressentimento em Nietzsche.** Revista Húmus, v. 3, n. 7, 2013.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Nietzsche**. Cadernos Nietzsche, n. 7, p. 27-40, 1999.

GORI, Pietro; STELLINO, Paolo. **O perspectivismo moral nietzschiano**. Cadernos Nietzsche, v. 1, n. 34, p. 101-129, 2014.

HEGEL, G.W.F. “**A Razão na História: Uma Introdução Geral à Filosofia da História**”. Introdução de HARTMAN, Robert S.; Centauro Ed. SP, 2001.

HOBBS, Thomas. Leviatã. **Matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. (Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva). 3. ed. São Paulo: AbrilCultural, 1983. Col. Os Pensadores.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. 5a Edição. Trad.: Manuela Pinto e Alexandre Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. livres. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LOCKE, John. **Segundo Tratado sobre o Governo. In: Os pensadores**. Trad. Anuar Aiex e E. Jacy Monteiro. 2o Ed. São Paulo: Abril Cultural: 2004

MORE, Thomas. **A Utopia**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2005

MOREIRA, Antônio Rogério da Silva. **Nietzsche: o ressentimento e a transmutação escrava da moral**. 2010.

NIETZSCHE, F. W. Aurora. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo:

NIETZSCHE, Ecce Homo. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2006

Nietzsche, F. Crepúsculo do Ídolos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003. (Coleção A obra-prima de cada autor, v. 22).

NIETZSCHE, Friedrich. **O anticristo: maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio**. Editora Companhia das Letras, 2007

NIETZSCHE,. **O Nascimento da Tragédia** (tradução de J. Guinsburg); São Paulo: Companhia das Letras, 1992

NIETZSCHE,. **Genealogia da Moral** (tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras , 1999

NIETZSCHE,. **Humano Demasiado Humano** (tradução de Paulo Cezar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NIETZSCHE,. **Além do Bem e do Mal** (tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras , 2a ed. 2002.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. **Da polissemia dos conceitos “ressentimento” e “má consciência”**. Revista de Filosofia Aurora, v. 23, n. 32, p. 201-221, 2012.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. **Nietzsche e Dühring: ressentimento, vingança e justiça**. Revista Dissertatio de Filosofia, v. 33, p. 147-172, 2011.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. **O procedimento genealógico de Nietzsche**. Revista Diálogo Educacional, v. 1, n. 2, p. 1-170, 2000.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. **O ressentimento como inibição da ação, reação e ação na filosofia de Nietzsche**. Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea, v. 4, p. 34- 43, 2016.

PLATÃO. República. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002. Tradução de PLATÃO. Timeu. Tradução C. A. Nunes. Belém: Ed. Universidade Federal do Pará, 1986.

PONDÉ, Luiz Felipe. **A era do ressentimento**. Globo Livros, 2019.

REGINSTER, Bernard. **Ressentimento, poder e valor**. Cadernos Nietzsche, v. 37, n. 1, p. 44-70, 2016.

ROUSSEAU, Jean Jacques – **Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens** / Jean Jacques Rousseau; [introdução de João Carlos Brum Torres]; tradução de Paulo Neves. – Porto Alegre, RS : L&PM, 2008.

RUBIRA, Luís. **O amor fati em Nietzsche: condição necessária para a transvaloração?** Polymatheia–Revista de Filosofia. Fortaleza, v. 4, n. 6, p. 227-236, 2008.

SABINO, Paulo Cesar Jakimiu. **Nietzsche e a formação do (vir-a) ser pela linguagem**. Guairacá-Revista de Filosofia, v. 32, n. 2, p. 34-50, 2016.

TREVISAN, J. F. **Nietzsche e o ressentimento: um estudo em Psicologia Social**.. 2005. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado) __Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.